

3. Os três passos bíblicos da disciplina

OBJETIVOS PARA O PROFESSOR

- O professor compreende os passos bíblicos para a disciplina eclesiástica, conforme Mateus 18.15-20.
- O professor ora e se reveste de graça a fim de edificar, despertar e fortalecer o aluno com as verdades da Escritura.

OBJETIVOS PARA O ALUNO

- O aluno aprende os passos bíblicos para a disciplina eclesiástica conforme esboçados em Mateus 18.15-20.
- O aluno compreende, cada vez mais, a necessidade da disciplina na vida do cristão e obedece ao ensinamento de Cristo, motivando seus irmãos a fazerem o mesmo.

PLANO DO ENCONTRO

(1) Conversa inicial. (2) Leitura devocional em Hebreus 12.1-13. (3) Cântico do Hino 221 “Um Vaso de Bênção”. (4) Estudo bíblico. (5) Oração. (6) Leitura do versículo. (7) Oração final.

Introdução

“Disciplina” está intimamente ligada ao ensino e possui a mesma raiz da palavra “discípulo”. John Driver diz que discipular dentro do contexto cristão é convidar as pessoas a se submeterem ao senhorio de Cristo, numa comunidade de discípulos.¹ Um discípulo é mais que um estudante teórico, porque além de aprender sobre fatos e ideias, ele *imita seu Mestre*. Dessa forma, podemos conceituar disciplina como *o processo de nos ajudarmos mutuamente a viver sob o senhorio de Cristo*. Nossa caminhada de amadurecimento não é individual; na igreja nós recebemos e doamos cuidado. Biblicamente, *não há discipulado sem disciplina*.

É o Senhor Jesus quem ensina que nosso aperfeiçoamento espiritual e moral ocorre no contexto da igreja. Hoje aprenderemos quais são os passos da disciplina ensinados por ele em Mateus 18.15-20.

Olhando para o contexto mais amplo, Mateus 18 inicia com uma discussão (v. 1). “Quem pois, é *maior* no reino do céu”? Hendriksen sublinha que, nos capítulos anteriores, Pedro é mencionado mais do que os outros irmãos. Depois ele é repreendido por Jesus e praticamente ignorado no episódio da transfiguração (Mt 16.23; 17.4). Quem seria, de fato, o maior dentre os doze? Essa questão pode ter motivado a pergunta.²

3.1. Os passos bíblicos da disciplina

Jesus ensina a humildade e desencoraja o anseio de ser “maior” ou “mais importante” (Mt 18.1-5). Ele adverte que tal desejo pode levar os outros a pecar (Mt 18.6-9). Em lugar de se preocupar com quem é o maior, o cristão deve buscar seu irmão perdido (Mt 18.10-14). Mateus 18.15-20 orienta uma aplicação de disciplina em três passos.

3.1.1. Primeiro passo da disciplina: Admoestação privativa

Se teu irmão pecar [contra ti], vai **argui-lo** entre **ti e ele só**. Se ele te ouvir, **ganhaste teu irmão** (Mt 18.15).³

¹ DRIVER, John. *Contra a Corrente: Ensaios de Eclesiologia Radical*. São Paulo: Cristã Unida, 1994, p. 74-91.

² HENDRIKSEN, William. *Mateus*. Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 257. v. 2. (Comentário do Novo Testamento).

³ As palavras “contra ti”, entre colchetes, não constam em todos os manuscritos do NT disponíveis.

O verbo “pecar”, nesse texto, significa desobedecer a lei divina. A orientação de Jesus é clara: Precisamos confrontar o irmão infrator, com coragem, humildade e amor sincero. E isso tem de ocorrer *privativamente*.

O fruto do justo é árvore da vida, e o que **ganha almas** é sábio (Pv 11.30).

Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais **corrigi-o com espírito de brandura**; e guarda-te para que não sejas também tentado (Gl 6.1).

Se o irmão reconhecer que pecou ele é “ganho”, ou seja, nós fomos agentes de Deus para aperfeiçoá-lo em santidade. Caso ele *não* se arrependa, não devemos desistir. Com amor e paciência, temos de visitá-lo novamente, dando o segundo passo da disciplina de Jesus.

3.1.2. Segundo passo da disciplina: Admoestação com testemunhas

Se, porém, **não te ouvir**, toma ainda contigo **uma ou duas pessoas**, para que pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça (Mt 18.16).

O segundo passo da disciplina é retornar ao transgressor acompanhado de testemunhas. Ao reconhecer que não tivemos êxito em nosso esforço particular, pedimos ajuda a outros membros da igreja. Estes, verificando que o faltoso realmente pecou, buscarão persuadi-lo e admoestá-lo, suplicando que o Espírito Santo lhe conceda arrependimento e fé. Desde cedo a igreja cristã implementou esta prática, entendendo que Jesus a ordenou desde o AT.

Uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual for que cometer; **pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato** (Dt 19.15).

Esta é a terceira vez que vou ter convosco. **Por boca de duas ou três testemunhas**, toda questão é **resolvida** (2Co 13.1).

Não aceites denúncia contra presbíteros, senão **exclusivamente sob o depoimento de duas ou três testemunhas** (1Tm 5.19).

O esforço nessa etapa também é coroado de êxito se o irmão for ganho. Se ele *não der ouvidos*, é hora de dar o terceiro passo da disciplina de Jesus.

3.1.3. Terceiro passo da disciplina: Admoestação eclesiástica

E, se ele **não** os atender, dize-o à **igreja** [...] (Mt 18.17).

Se o faltoso não ouvir as admoestações anteriores, o caso deve ser levado à *igreja*. A palavra “igreja” se refere à comunidade local de crentes. O modo como isso é praticado difere de acordo com o sistema de governo de cada denominação.

Em igrejas congregacionais, casos de disciplina podem ser tratados por *todos os membros*, reunidos em uma sessão administrativa. Em igrejas presbiterianas, “dizer à igreja” corresponde a dizer ao Conselho, que representa o corpo de fiéis.

Outras denominações podem adotar outros procedimentos, desde que sejam seguidos os passos ordenados por nosso Senhor.

3.2. Os resultados possíveis da disciplina

A disciplina pode produzir restauração ou exclusão. A *restauração* acontece quando o indivíduo responde positivamente ao processo disciplinar. A *exclusão* acontece quando o indivíduo se recusa a ouvir:

Se **recusar** ouvir também a igreja, considera-o como **gentio e publicano** (Mt 18.17).

As duas implicações do desacato à disciplina são sérias:

1. Cessa a comunhão do faltoso com a igreja.
2. Cessa a comunhão da igreja com o faltoso.

3.2.1. A interrupção da comunhão do faltoso rebelde com a igreja

Falando de membros comungantes, uma pessoa inicia sua comunhão com a igreja em sua pública profissão de fé. Na ocasião ela assume, diante de Deus e dos crentes que buscará obedecer à Palavra de Deus e se submeterá à liderança da igreja, enquanto esta for bíblica. Resumindo, nós nos tornamos membros da igreja visível por meio de um compromisso voluntário de obediência ao evangelho e aos irmãos.

Nós contradizemos nossa profissão de fé e, por conseguinte, interrompemos esta comunhão quando, voluntariamente, não ouvimos os bons conselhos de nossos irmãos que falam biblicamente, sob a direção do Espírito Santo. Nós rejeitamos a instrução da Escritura e da liderança a que um dia prometemos obedecer.

O modo como a Bíblia descreve esse processo é chocante (e não muito agradável de ler). No AT os pagãos gentios que desprezam o Deus de Israel são chamados de “cães” ou “porcos” (e.g., em Sl 22.36, “cães” é sinônimo de “malfeitores”). Jesus utiliza o mesmo vocabulário para se referir a pessoas que dão as costas à verdade divina.

Cães me cercam; uma súcia de **malfeitores** me rodeia [...] (Sl 22.16).

Não deis aos **cães** o que é santo, nem lanceis ante os **porcos** as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos **dilacerem** (Mt 7.6).

Entendamos que esta quebra de vínculo com a igreja não é apenas formal, mas *espiritual e real* porque, no exercício da disciplina, a igreja exerce o *poder das chaves*.

O que é o poder das chaves?

Na Bíblia inteira Jesus só menciona a palavra *ekklesia*, “igreja” duas vezes. Em ambas as ocasiões, ele também fala sobre o poder das chaves. E ele revela que este poder é para “ligar” e “desligar”. Eis o que consta em Mateus 16.15-19:

Mas vós, continuou ele, **quem dizeis que eu sou?** Respondendo Simão Pedro, disse: **Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.** Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha **igreja**, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as **chaves do reino dos céus**; o que **ligares** na terra terá sido ligado nos céus; e o que **desligares** na terra terá sido desligado nos céus (Mt 16.15-19).

Pedro reconhece que Jesus é o Cristo (Mt 16.16). O Redentor afirma que foi Deus Pai quem orientou o apóstolo a reconhecê-lo como Messias (Mt 16.17). Em seguida ele promete que a igreja será edificada não sobre a pessoa de Pedro, e sim sobre esta declaração, de que ele, Jesus, é o Cristo (Mt 16.18). Por fim, ele concede a Pedro — e por extensão, aos demais discípulos — o poder das “chaves do reino dos céus”; a igreja “liga” e “desliga” na terra aquilo que Deus “liga” e “desliga” nos céus (Mt 16.19).

No Catolicismo Romano, o conceito de “chaves do reino” está ligado à doutrina da sucessão apostólica ou liderança papal. O papa possui as chaves do reino dos céus, como vigário de Deus e sucessor de Pedro. Essa interpretação é rejeitada pelos cristãos protestantes e evangélicos.

Alguns evangélicos acreditam que os verbos “ligar” e “desligar”, de Mateus 16.19 (e 18.18-19) aplicam-se à oração de intercessão. Há quem diga que se um cristão em concordância com outros “determinar” algo aqui na terra, isso será feito na esfera celestial. Ainda que esta interpretação seja popular, não é isso que a Bíblia realmente ensina. Na interpretação verdadeiramente bíblica e reformada, os atos de “ligar” e “desligar” são possibilidades da ação da igreja no exercício do poder das chaves do reino dos céus, praticados em duas ocasiões:

1. A igreja exerce o poder das chaves do reino — ela “liga” e “desliga” — quando prega o evangelho de Jesus Cristo.
2. A igreja exerce o poder das chaves do reino — ela “liga” e “desliga” — quando exercita a disciplina.

Enquanto o evangelho é pregado com fidelidade, Deus “liga” na terra aqueles que ele “ligou” no céu, ou seja, em seu decreto eletivo. E também “desliga” na terra aqueles que ele “desligou” no céu. A pregação do evangelho — com sua declaração de que Jesus é o Cristo — é um dos meios da igreja forçar e derrubar as “portas do inferno”, como lemos em Mateus 16.18. Como afirmam dois estudiosos:

A pregação da Palavra de Deus é o único meio, ordenado por Deus, de chamar eficazmente os eleitos de Deus para a salvação [...]. Ela é a *chave* que abre e fecha o reino dos céus ao homem.⁴

Lemos algo semelhante em Calvino:

Mas, em se tratando das chaves, devemos guardar-nos sempre de não sonharmos com algum poder *separado* da pregação do evangelho. [...] a graça do evangelho é pública e particularmente selada nas almas dos fiéis por meio daqueles a quem o Senhor ordenou, o que não pode ocorrer senão *unicamente* pela pregação da Palavra.⁵

E ainda, na *Confissão Helvética*:

5. No que diz respeito às chaves do reino dos céus, que o Senhor confiou aos apóstolos, os papistas disseram inúmeras coisas estranhas e, dessas chaves eles conseguiram espadas, lanças, cetros e coroas, e pleno poder sobre os maiores reinos, e, afinal, sobre a alma e o corpo dos homens. Porém, nós, julgando honestamente, segundo a Palavra do Senhor, afirmamos que todos os ministros legitimamente chamados possuem e exercitam o poder das chaves, ou o uso delas, quando anunciam o evangelho, ou seja, quando ensinam, exortam, repreendem e disciplinam as pessoas confiadas aos seus cuidados. Porque, assim, *abrem o reino dos céus aos obedientes e o fecham aos desobedientes*. O Senhor prometeu essas chaves aos apóstolos em Mateus 16.19, e as entregou em João 20.23, Marcos 16.15-16 e Lucas 24.47, quando enviou os seus discípulos e ordenou que pregassem o evangelho por todo mundo e perdoassem pecados. Na carta aos Coríntios, o apóstolo diz que o Senhor deu o “ministério da reconciliação” (2Co 5.18). E o que é isso ele explica logo em seguida, dizendo que é a “palavra de reconciliação” (v. 19). E, de modo ainda mais claro, acrescenta que os ministros são embaixadores que atuam em nome de Cristo, como se o próprio Deus, por intermédio deles, exortasse o povo a se reconciliar com ele (v. 20), sem dúvida nenhuma, pela fiel obediência. Assim, *exercitam o poder das chaves quando persuadem os homens à fé e ao arrependimento*. Desse modo, reconciliam os homens com Deus. Do mesmo modo, perdoam pecados. Abrem, ainda, o reino dos céus e a ele conduzem os crentes: Muito diferente daqueles de quem o Senhor fala no evangelho: “Ai de vós, intérpretes da lei! Porque tomastes a chave da ciência; contudo, vós mesmos não entrastes e impedistes os que estavam entrando” (Lc 11.52).

6. Portanto, os ministros absolvem de maneira correta e eficaz quando pregam o evangelho de Cristo e nele a remissão de pecados, que é prometida a todo aquele que crê, assim como a cada um que é batizado, e quando testificam que ela pertence a cada um particularmente. E não imaginamos que esta absolvição se torne mais eficaz por ser proferida por algum pregador, ou individualmente, sobre a cabeça de alguém. No entanto, consideramos, que a remissão de pecados pelo sangue de Cristo deve ser diligentemente ensinada, e que todos devem ser advertidos de que o perdão de pecados lhes pertence. *Segunda Confissão Helvética*, XVII,5-6.⁶

Retornando ao exercício da disciplina, em Mateus 18.17, o ato de “desligar” na terra o que Deus já “desligou” nos céus é efetivado na exclusão de um membro da igreja que se recusa a obedecer ao evangelho, confirmando sua incredulidade e dureza de coração. Não é exagero dizer que o exercício da disciplina é o segundo meio pelo qual a igreja força e derruba as “portas do inferno”, como lemos em Mateus 16.18. A “concordância” e a oração, de Mateus

⁴ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: Uma Análise Histórica, Bíblica e Apologética Para o Contexto Atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 981. Grifo nosso. Cf. GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Reimp. 2000. São Paulo: Vida, 1999, p. 746: “[...] as ‘chaves do reino dos céus’ representam [...] a autoridade de pregar o evangelho de Cristo”. Para BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. 4. ed. Reimp. 2015. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 548, o exercício deste poder “consiste na administração da Palavra e dos sacramentos, Mt 28.19, na determinação do que é e do que não é permitido no reino de Deus, Mateus 16.19, no perdão e na retenção do pecado, João 20.23, e no exercício da disciplina na igreja, Mateus 16.18; 18.17; 1Coríntios 5.4; Tito 3.10; Hebreus 12.15-17”.

⁵ CALVINO, João. *As Institutas: Edição Clássica*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, III.IV.14 (p. 112). v. 3.

⁶ BEEKE, Joel; FERGUSON, Sinclair B. (Org.). *Harmonia das Confissões Reformadas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 195-196. Grifos nossos.

18.19-20, têm relação com a deliberação e ação de exclusão do rebelde da comunhão da igreja de Cristo.

Sendo assim, considerar o faltoso rebelde como “gentio e publicano” não é pouca coisa. Repetindo, nesse último caso, a cessação da comunhão do faltoso com a igreja é *espiritual e real*. Se o indivíduo disciplinado é um cristão verdadeiro — um eleito de Deus —, mesmo assim ele poderá sofrer sob o poder do diabo, durante um período que só Deus conhece, até que experimente arrependimento e fé e seja restaurado à comunhão da igreja.

Eu, na verdade, ainda que ausente em pessoa, mas presente em espírito, já sentenciei, como se estivesse presente, que **o autor de tal infâmia** seja, em nome do Senhor Jesus, **reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus**, nosso Senhor, **entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor** [Jesus] (1Co 5.3-5).

Se o faltoso rebelde não é um cristão verdadeiro, ele retorna ao seu ambiente de origem, e seu estado se torna pior do que antes.

Portanto, se depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, **tornou-se o seu último estado pior que o primeiro**. Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes foi dado. Com eles aconteceu o que diz certo adágio verdadeiro: O **cão** voltou ao seu próprio vômito; e A **porca** lavada voltou a revolver-se no lamaçal (2Pe 2.20-22).

Por fim, assim como o ato de recepção de um membro é público — a pessoa é admitida em uma cerimônia litúrgica, diante de Deus e de toda a igreja —, *o ato de exclusão também é público*. Isso é necessário para o encaminhamento da segunda implicação do desacato à disciplina, qual seja, a cessação da comunhão da igreja com o faltoso, explicada na seção 3.2.2.

É importante saber que, como vimos em Mateus 18.15-16, uma disciplina pode ser efetivada sem que o pecado seja publicado. Na prática, um Conselho recebe muitas denúncias e queixas (nos termos de Mt 18.17), e pela graça de Deus, resolve muitos problemas, que jamais chegam ao conhecimento do restante da igreja. Uma disciplina é comunicada a toda a congregação somente quando o pecado é notório ou produz repercussão pública.⁷

3.2.2. A interrupção da comunhão da igreja com o faltoso rebelde

Jesus diz que o faltoso rebelde não deve mais ser tratado como um irmão: “Considera-o como gentio e publicano” (Mt 18.17). O termo “gentio” designa uma pessoa estranha ao pacto da salvação; o termo “publicano” era usado na época de Jesus para se referir a um pecador notório — no caso, aos cobradores de impostos tidos como desonestos pelo judeu comum.

O que significa esta instrução de Jesus, e como praticá-la? Vejamos primeiro o que ela *não* significa.

1. A instrução de Jesus, em Mateus 18.17, não significa que o faltoso rebelde está *irremediavelmente* perdido. Deus, em sua misericórdia, pode trazê-lo de volta (as três parábolas de Lucas 15 tratam deste tema).
2. Além disso, o ensino de Jesus não significa que devemos tratar o pecador rebelde com desrespeito.
3. Também não quer dizer que podemos imaginar que nós somos “melhores” do que o pecador rebelde.
4. Por fim, Jesus não está dizendo que nós não podemos conversar com tal pessoa, se ela nos procurar dizendo que está arrependida e deseja voltar à comunhão da igreja. É interessante que, logo depois de Jesus instruir sobre a disciplina, em Mateus 18.15-20, ele ensina sobre a necessidade de perdoar infinitamente (Mt 18.21-35).

⁷ Comentando Atos 5.1-11, John Stott afirma que se a hipocrisia de Ananias e Safira não fosse exposta e castigada publicamente, o ideal cristão de uma comunhão aberta não teria sido preservado, e a afirmação atual: “existem tantos hipócritas dentro da igreja” teria sido ouvida desde o início; cf. STOTT, John. *A Mensagem de Atos: Até os Confins da Terra*. 2ª reimpressão. 2003. São Paulo: ABU Editora, 1994, p. 123. (A Bíblia Fala Hoje).

Digo-vos que, assim, haverá maior **júbilo no céu** por **um pecador que se arrepende** do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento (Lc 15.7).

Tratai todos com honra, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei (1Pe 2.17).

Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, **com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também** (Mt 7.1-2).

Portanto, **nada julgueis antes do tempo**, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus (1Co 4.5).

Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, **até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe?** Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: **Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete** (Mt 18.21-22).

De que maneira, então, devemos praticar a instrução de Jesus — considerar o rebelde excluído da igreja como “gentio” e “publicano”?

O apóstolo Paulo escreve sobre isso em 1Coríntios:

Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros; refiro-me, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo. Mas, agora, vos escrevo que **não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal, nem ainda comais**. Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Não julgais vós os de dentro? Os de fora, porém, Deus os julgará. Expulsai, pois de entre vós o malfeitor (1Co 5.9-13).

Os cristãos habitam um mundo *imperfeito*. Eles interagem com pessoas não-cristãs que são impuras, avarentas, roubadoras e idólatras; é inevitável que seja assim, senão os cristãos teriam de “sair do mundo” (1Co 5.9-10). Apesar disso, temos de ter cuidado no relacionamento com aqueles que, dizendo que são crentes *continuam sendo* impuros, avarentos, idólatras, maldizentes, beberrões ou roubadores. Com estes tais, não devemos sequer sentar para tomar um café, almoçar ou jantar (1Co 5.11). Deus julgará os pagãos, mas a igreja deve, desde já, “expulsar” de seu meio os maus cristãos (1Co 5.12-13).

Paulo está aplicando a palavra de Jesus em Mateus 18.17. Ele ordena um princípio de não-associação. O verbo aqui (“não vos associeis”, em 1Co 5.9, 11; *synanamignymi*) envolve “proximidade espacial e/ou atividade conjunta, geralmente implicando em algum tipo de relação ou envolvimento recíproco”.⁸ O cristão não deve se tornar íntimo de alguém que se assume como desobediente rebelde, ao ponto de ser influenciado para o mal. Nesses termos, a regra paulina atualiza a ética dos Salmos:

Bem-aventurado o homem que **não anda** no conselho dos ímpios, **não se detém** no caminho dos pecadores, **nem se assenta** na roda dos escarnecedores (Sl 1.1).

O objetivo do afastamento do crente não é “dar gelo”, muito menos, como vimos acima, sugerir que é superior ao faltoso excluído. A expectativa, como explica Paulo em 1Coríntios 5.5, é que o desconforto da disciplina conduza o pecador ao arrependimento, de modo que seu “espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus”.

3.2.3. A restauração de uma pessoa excluída da igreja

Quando uma pessoa excluída é alcançada pela graça de Deus e deseja retornar à comunhão, ela precisa informar isso ao pastor e Conselho, bem como reafirmar seu arrependimento e fé em uma cerimônia pública. Nas igrejas presbiterianas isso é chamado de “admissão por restauração”.

Depois de responder às perguntas litúrgicas que confirmam seu retorno a Deus, o irmão arrependido ouve estas palavras, ditas pelo dirigente do culto:

⁸ LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene Albert. *Greek-English Lexicon of the New Testament: Based on Semantic Domains*. New York: United Bible Societies, 1996, #34.1, συναμίγνυμι; Συγχράομαι; Συναπάγομαι, p. 445.

Meu querido irmão: Agora você tem em seu coração a segurança de que, sendo o seu arrependimento tal como confessou, já o Senhor o recebeu de novo em sua infinita misericórdia. Ele mesmo nos ensina em seu evangelho que há mais alegria e gozo por um pecador que se arrepende do que por 99 justos que não têm necessidade de arrependimento. Seja diligente daqui em diante em guardar-se para não cair em pecado. Ame a Cristo, que o tem amado muito, perdoadando os seus pecados.⁹

Enfim, a disciplina visa unicamente o *bem* do faltoso e da igreja. E seu fruto nas vidas dos eleitos é a confirmação do amor de Deus, nos termos do evangelho.

3.3. A igreja que pratica a disciplina é santa sem ser legalista

Com a prática da disciplina a igreja assume que pertence a Deus e se coloca voluntariamente sob o domínio de sua Palavra. Ela demonstra também que assume um padrão de santidade não apenas elevado, mas absolutamente perfeito — ela se esforça para ser santa como Deus é santo. Dito de outro modo, a igreja que aplica a disciplina admite que é limitada e imperfeita, mas nem por isso ela rebaixa os padrões bíblicos de santidade. Cada cristão é orientado a distinguir entre o que é certo e errado, e motivado a deixar as coisas que desagradam a Deus para trás, e prosseguir para a meta da santificação.

A meu povo ensinarão a **distinguir entre o santo e o profano** e o farão **discernir** entre **o imundo e o limpo** (Ez 44.23).

Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: **Sede santos, porque eu sou santo** (1Pe 1.14-16).

Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a **perfeição**; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, **não julgo haverlo alcançado**; mas uma coisa faço: Esquecendo-me das coisas que **para trás ficam** e avançando para as que **diante de mim estão**, prossigo para o alvo, para o **prêmio da soberana vocação** de Deus em Cristo Jesus (Fp 3.12-14).

É importante entender que esta santidade bíblica é *obediência voluntária a Deus*, resultado da regeneração e resposta de fé e amor pela salvação. Ela é diferente de legalismo, que é seguir regras com a finalidade de comprar o favor divino.

Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido. Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus: quando **amamos a Deus e praticamos os seus mandamentos**. Porque este é o amor de Deus: Que guardemos os seus mandamentos; ora, os seus mandamentos não são penosos, porque **todo o que é nascido de Deus vence o mundo**; e **esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé**. Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus? (1Jo 5.1-5).

A igreja que pratica a disciplina bíblicamente é *alegre e graciosa*. Ela não se torna uma comunidade policial, de vigilância agressiva e intolerante, mas se compromete com os passos da disciplina reconhecendo-se frágil e pecadora. Como um corpo de amor, ela trata do irmão que pecou com compaixão, desejando o seu bem.

Antes, sede uns para com os outros **benignos, compassivos, perdoadando-vos** uns aos outros, **como também Deus, em Cristo, vos perdoou** (Ef 4.32).

Sede, pois, **imitadores de Deus**, como filhos amados (Ef 5.1).

Em suma, a igreja fiel chama o pecado pelo nome. E ela trata do pecado, assim que o detecta. Ela desafia a todos continuamente ao arrependimento e fé, convocando os crentes para mortificar a carne e crescer na santificação bíblica. E nesta igreja, todos assumem responsabilidade uns pelos outros.

⁹ SUPREMO CONCÍLIO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Manual Litúrgico*. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, p. 191-192.

Conclusão e aplicações

Você recebeu o ensino sobre os três passos bíblicos da disciplina. Nunca é tarde para dar o primeiro passo. Você conhece um irmão ou irmã que vive atualmente na prática de algum pecado? Será que outras pessoas já têm conhecimento de que tal pessoa comete determinado pecado, sem que ninguém tome qualquer providência? Ore ao Senhor, suplicando por graça, sabedoria e coragem. *Levante-se e vá conversar com seu irmão transgressor.*

Como disse Stephen Covey, “aprender e não *fazer* na verdade é não aprender. Saber e não *fazer* na verdade é não saber”.¹⁰ Nesse caso, Mateus 18.15-20 registra uma instrução de Cristo que *precisa* ser praticada porque, sem esta prática, a igreja deixa de ser autêntica. Dito de outro modo, nós temos de observar cada um dos passos deixados pelo Senhor: A admoestação privada, a admoestação com testemunhas e a admoestação eclesiástica. E isso em oração, suplicando a Deus que restaure o pecador.

Fique alerta: Não há como ser igreja verdadeira sem obedecer a Cristo. É privilégio e dever da igreja expor estas verdades e educar seus membros para que se esforcem para aplicá-las em suas vidas, com o auxílio do Espírito Santo.

Para memorizar

Em verdade vos digo que tudo que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado no céu (Mt 18.18).

Perguntas e práticas

1. Quais são os passos bíblicos para a disciplina? Escreva o que você entendeu sobre cada um deles.
2. Você está pronto a aceitar as admoestações feitas pelos irmãos? Como você pode melhorar nisso?
3. Você conhece alguém que, identificando-se como cristão, vive deliberadamente em pecado? Escreva uma ação a ser implementada, ainda nesta semana, para ajudar este irmão.

Adaptado de NASCIMENTO, Misael Batista; PORTO, Ivonete Silva. Curso *Discipulado Maduro e Reprodutivo, Módulo 4: Os Meios de Graça: Mutualidade e Disciplina*. Brasília: Igreja Presbiteriana Central do Gama, 2004.

¹⁰ COVEY, Stephen. *Os 7 Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes*. 59. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2016, p. 31.